

## GUIA



# prepara enem



shutterstock

## CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

- CRIAR, INOVAR, INTERPRETAR E REINTERPRETAR O MUNDO
- UMA VISÃO "GEOGRÁFICA" DO NOVO "NOVO ENEM"
- TEMÁTICAS RECORRENTES
- MEMÓRIA & HISTÓRIA

- PERMANÊNCIAS & RUPTURAS
- CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA
- TEMÁTICAS FILOSÓFICAS
- EM BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL



## EDITORIAL

Criar, inovar, interpretar e **REINTERPRETAR O MUNDO**

ALEXANDRE PULLIG CORRÊA - Diretor Geral do COPE - ENSINO MÉDIO

Escolas do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI. Esse é o momento histórico em que vivemos na educação. Esse diálogo entre instituições e gerações de tempos, valores, parâmetros e prioridades tão diferentes precisa avançar, transformando a educação em um processo com mais significado.

Em tempos de relações líquidas, quando informações são passadas em tempo real e em escala global, é imperativo que proporcionemos aos nossos estudantes habilidades de criar, inovar, interpretar e reinterpretar o mundo. A verdade é que precisamos preparar os jovens para um futuro que não podemos prever e que se modifica a uma velocidade nunca antes vista. Nunca se falou tanto em propósito de vida. Necessariamente, pessoas de sucesso atuam em áreas em que possuem excelência, o que está vinculada aos talentos e habilidades de cada um. Para es-

colhas mais assertivas é importante que o jovem identifique os próprios talentos e a escola é um ambiente fundamental nesse processo. Propiciar atividades desafiadoras e que oportunizem experiências diversas é a base para a construção de um projeto de vida.

É tarefa da escola, além de ensinar os conteúdos, discutir também o como estudar. O foco do processo de ensino-aprendizagem deixa de ser o professor e passamos a ter um maior protagonismo do estudante. Os brilhantes professores e suas aulas de excelência continuam, é importante que o professor encante os estudantes com seu olhar acadêmico e ao mesmo tempo apaixonado por determinada área do conhecimento, mas esse não é um caminho único. Para além de professores ensinando, é preciso de estudantes aprendendo. A escola deve ser um espaço de aprendizagem no sentido mais amplo do termo, proporcionando um ambiente

em que se aprenda a aprender.

Antes do advento dos computadores e da internet, quando as enciclopédias físicas eram o caminho para informações, conteúdo era poder, porém, com as novas tecnologias e a popularização do acesso à informação, poder é ter habilidade de construir algo significativo a partir das informações. A grande questão está no modo como nos relacionamos a essas informações e o que criamos a partir disso, um processo que está intimamente ligado à nossa subjetividade. Uma educação para o século XXI deve ser significativa para os jovens ao direcionar-se para o futuro e preocupada com o caminhar da humanidade.

Aprender é um processo que se dá principalmente nos momentos de estudo, e não existe uma única forma de estudar. Estudo depende de método e constância. São muitos os métodos de estudo:



Jovens mais engajados, construindo sua aprendizagem de modo colaborativo, são mais felizes



resumo, esquema, mapas mentais, leituras etc. O estudante precisa entrar em contato com várias formas diferentes de aprender e tomar consciência de quais se adaptam melhor ao seu modelo mental. Respeitando as múltiplas inteligências e sendo a aula um evento único para alunos tão diferentes, compreende-se que é no momento de estudo que o aluno pode ser assertivo e moldar seus processos de acordo com seus objetivos e sua realidade. Quanto à constância e à disciplina ressalta-se aqui a relevância da motivação. Estar motivado e se manter motivado é a base para ter constância nos estudos uma habilidade vinculada à Inteligência Emocional. Grandes sonhos são forças motoras importantes, mas nosso motor mais potente é a motivação intrínseca que tem como principais combustíveis a autorrealização, os relacionamentos positivos, o engajamento e as emoções positivas.

A construção do conhecimento através de atividades desafiadoras, buscando a resolução de problemas através da criação e cocriação de soluções já é uma realidade em metodologias como a PBL (Aprendizagem baseada em projetos). Compartilhar os avanços acadêmicos com os colegas no formato de investigação aprecia-

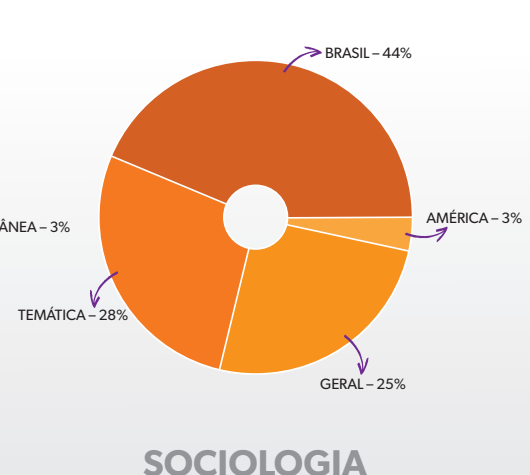
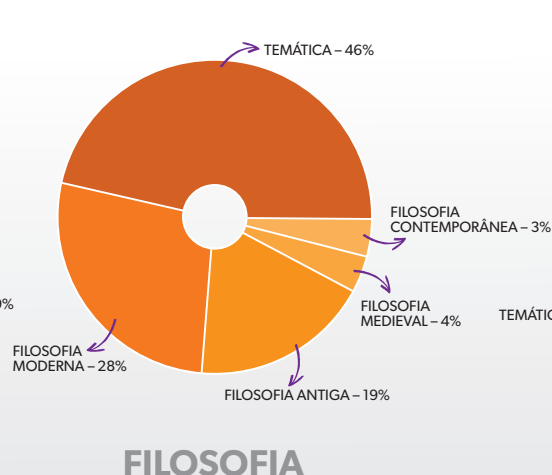
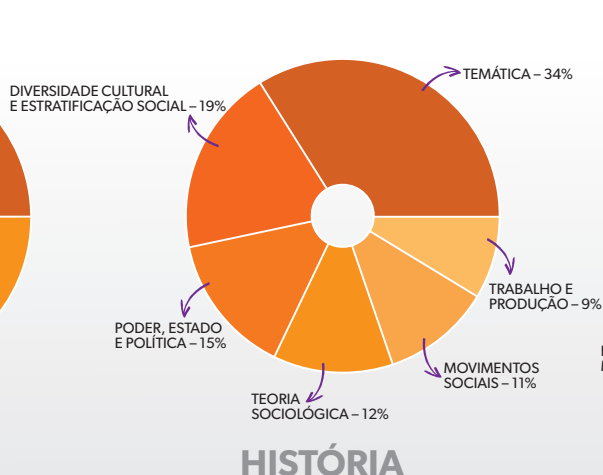
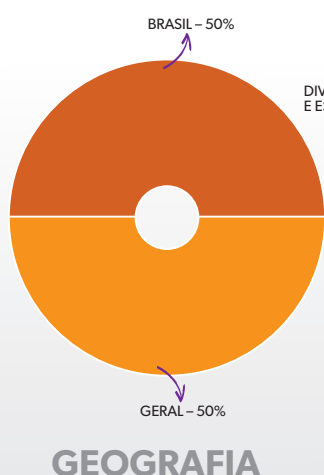
tiva é uma excelente estratégia que gera mais consciência do sucesso e assim também desenvolve a motivação intrínseca. Quando os estudantes compartilham seus avanços acadêmicos com os colegas adquirem maior consciência sobre quais recursos internos mobilizaram e assim conseguem repetir o feito. A investigação apreciativa também gera um senso de coletividade e cooperação, além de aumentar o engajamento dos jovens, um dos pilares do bem-estar subjetivo.

Jovens mais engajados, construindo sua aprendizagem de modo colaborativo, são mais felizes e a felicidade é uma vantagem competitiva real e mensurável importante para o ser humano, sobretudo para jovens que estão caminhando para grandes desafios como o ENEM, os vestibulares, a Universidade e a carreira profissional. A ciência já estudou e comprovou a relevância do bem-estar subjetivo: engajamento, relacionamentos positivos, emoções positivas, propósito e realização. Pesquisas feitas na Universidade de Harvard comprovam que o sucesso orbita a felicidade e não o contrário, ou seja, pessoas mais felizes são mais produtivas, criativas e assertivas. Que a escola seja então um ambiente que promova essas possibilidades!

## SAIBA TUDO SOBRE A PROVA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

### CONTEÚDOS MAIS FREQUENTES

Dados estatísticos referentes aos exames de 2008 a 2016.





# Uma Visão “GEOGRÁFICA” do novo “NOVO ENEM”

“Temas clássicos da Geografia Física, Questão Ambiental, características da População e Meio Urbano, a questão agrária sempre farão parte do rol de temas levantados”.

Por Felipe Augusto Tahan

(Geógrafo Especialista pela PUC-GO)

Professor do COPE - ENSINO MÉDIO

Nos últimos três exames nacionais do ensino médio, assistimos a uma tendência da banca examinadora em promover uma avaliação da área das ciências humanas com um “rostro”, um “perfil”, muito bem delineado entre competências e habilidades. O formato da prova manteve uma coerência nas últimas provas, bem como o nível das abordagens. Provas bem estruturadas e pautadas pelo primor da relação entre textos, imagens, gráficos com comando e distratores. As argumentações foram claras, tal como a linguagem utilizada. Os textos bem escolhidos usam um grau de dificuldade nobre quanto ao emprego do vocabulário, mas mantêm-se totalmente fiel ao seu conteúdo acadêmico.

Nossa aposta é na coerência em tratar deste exame com as mesmas linhas de pensamento e técnica desenvolvidas nas últimas provas, afinal, não existe, à primeira vista, motivos para alterar um trabalho que se aprimorou com grande êxito nas últimas edições.

As Ciências Humanas trabalham temas que transversalizam as diferentes disciplinas, como História e Geografia, mas também não deixa de cobrar as questões denominadas “puras”. O que é do campo da Geografia a este permaneceu sem deixar dúvidas nas suas abordagens. No entanto, o universo de temas a serem abordados está muito longe de ser esgotado, uma vez que o Novo Enem é um exame praticamente recém-nascido, com poucas provas aplicadas e questões em número bem limitado.

Ano após ano, a variedade de temas vem se multiplicando, já que a dinâmica inerente a esta área de conhecimento se perfaz diariamente, mas é possível sinalizar, com certeza, que temas clássicos da Geografia Física, Questão Ambiental, características da População e Meio Urbano, além das tradicionais abordagens sobre a questão agrária e processos de desenvolvimento político e econômico através da história, sempre farão parte do rol de temas levantados. Não se viu nas edições anteriores uma prova tendenciosa a uma ou duas temáticas. A variedade na abordagem dos temas foi revelada em cada prova, repetindo um tema em duas questões, no máximo.

Foi-se o tempo em que estudar para prova de Ciências Humanas era decorar nomes, datas e capitais, as provas de “excelência” dos exames de ingresso não fazem mais questões nesse formato. A tendência agora

é explorar o contexto. Antes de qualquer interpelação, o candidato deve se lembrar que a prova exige conteúdo teórico em todas, absolutamente todas, as questões, afastando qualquer ideia de “chute”. Por isso, jamais menospreze as informações “savoir-faire” de cada módulo de estudo, quanto menos se “desplugue” dos temas cotidianos ligados a esta bagagem teórica que se acumula desde o ensino fundamental. Porém, contextualizar estas informações e tratá-las como processos do conhecimento é de lei, sob a pena mais tradicional do candidato ler os distratores e enxergar dois ou três itens com igualdade assertiva. Sentimento comum na hora da leitura inicial da questão, mesmo entre os mais competentes candidatos. O que não é mistério para nenhum educando é uma bagagem de leitura que galga do cotidiano leigo ao acadêmico de base epistemológica.



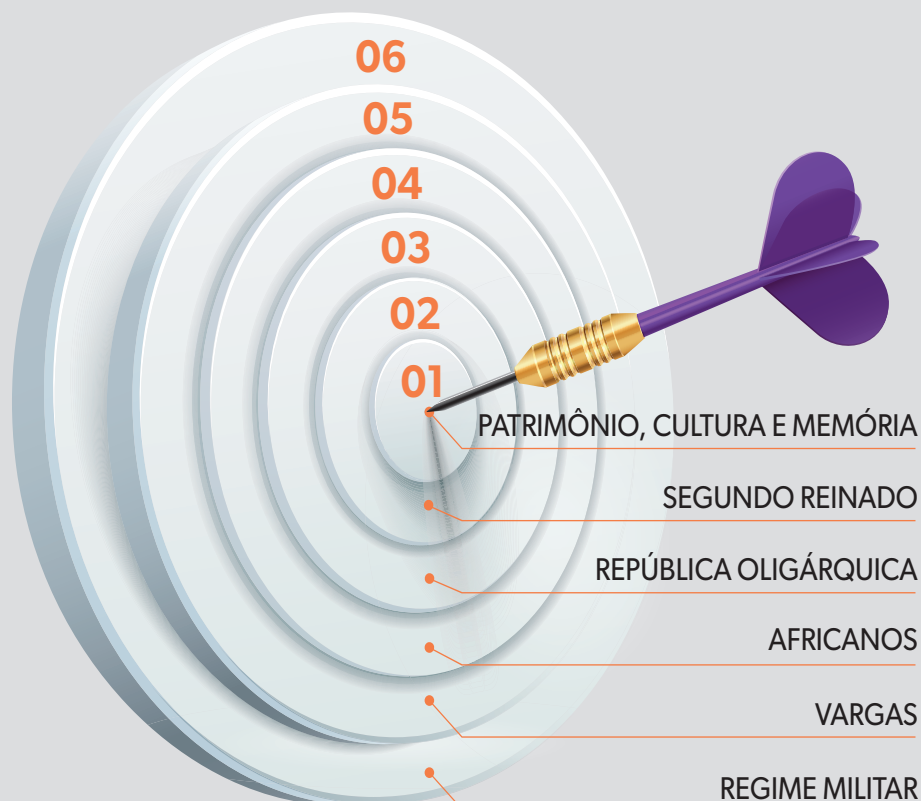
## Temáticas RECORRENTES

Por Pedro Ivo (Licenciado e Bacharel em História pela UFG)

Professor do COPE - ENSINO MÉDIO

A prova de Ciências Humanas do Enem é um momento aguardado pelos alunos e também por nós professores. A prova apresenta um perfil que não mudará com a alteração da banca elaboradora. Os alunos podem esperar uma exigência de conhecimento e muita interpretação de textos analíticos e com pontos de vista diferentes. Também poderão aparecer charges, desenhos, pinturas, gráficos e tabelas como texto da questão.

A última aplicação do Enem apresentou um maior equilíbrio entre conteúdo e interpretação, e essa tendência será mantida. Especialmente em 2017, com base nas declarações feitas por pessoas ligadas à direção do processo, questões de gênero e polêmicas no campo ideológico e político perderão espaço. Eu orientaria a pessoa que for fazer a prova a deixar o texto ou a imagem direcionar a resposta e ter uma atenção especial com as temáticas recorrentes.



## Memória & HISTÓRIA

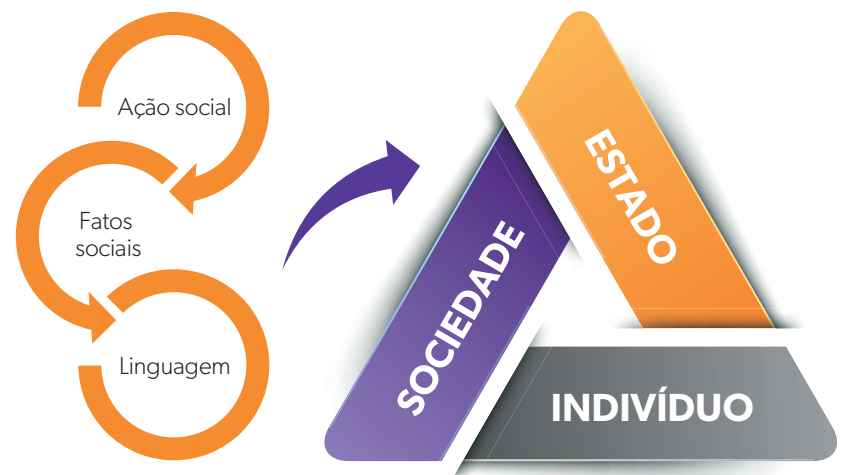
Por Stefânia Vieira de Melo (Mestre em História pela UFG)

Professora do COPE - ENSINO MÉDIO

“A capacidade de acessar e interpretar a memória histórica é avaliada na prova.”

Nos últimos quatro anos, o Enem tem focado **na interlocução entre Estado, Indivíduo e Sociedade**, exigindo que o candidato exercite a **reflexão crítica sobre a ação social, os fatos sociais e a linguagem**, entendendo que estes não estão separados das **questões sociais**. Acreditamos que essa exigência permanecerá.

**As questões sociais ocorrem no espaço histórico-social** no qual estamos todos inseridos, ou seja, elas são reflexo das experiências acumuladas pelas sociedades e constituem a **nossa memória histórica, política e cultural**.



A capacidade de acessar e interpretar essa memória é avaliada na prova. **O candidato deve conhecer seu passado histórico, e ser capaz de reconhecer conceitos e temas filosóficos, geopolíticos, socioeconômicos, culturais**, entre outros ligados à esfera social humana. O “conteudismo” nessa prova é estéril se o candidato não conseguir interpretá-lo dentro do **contexto da questão**.

**Entre os temas mais recorrentes, encontramos aqueles ligados a História do Brasil.** A **História** se constitui de um ciclo constante de **permanências e rupturas** das ações sociais humanas, ou seja, a trajetória humana, ao longo do tempo e do espaço, não ocorre de forma linear ou progressiva, como em um conceito das ciências da natureza, assim, os indivíduos sociais se manifestam em movimentos de fluxo e refluxo, avanço e retrocesso.



# Permanências & RUPTURAS

Por **Stefânia Vieira de Melo** (Mestre em História pela UFG)  
Professora do COPE - ENSINO MÉDIO

Em 2017, alguns eventos históricos (fatos sociais) **são comemorados** e podem ser lembrados, inclusive na redação, como alusão histórica na argumentação, em temas ligados a liberdade de expressão, luta por direitos, resistência à opressão, ou em assuntos que remetam à **permanências e rupturas** histórico-culturais em nossa sociedade.

## 1817

### REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA (200 ANOS)

- Como nas Conjurações Mineira (1789) e Baiana (1798), a repressão da Coroa portuguesa se fez vitoriosa.
- Influência das ideias francesas e da inepedência dos EUA.
- Elite latifundiária, intelectual, comerciantes, militares e clérigos.

- Proclamou república, igualdade de direitos e tolerância religiosa.
- Não tocou no espinhoso problema da escravidão.
- Também denominada *Revolução dos Padres*: destaque para Frei Caneca.

Teve sua continuação nos movimentos de **1824 e 1848**.

**1824 (1º REINADO)**  
Confederação do Equador

**1848 (2º REINADO)**  
Revolução Praieira



## 1947

### ATENÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS: PRIMEIRA COMISSÃO

Primeira sessão da comissão a elaborar o que foi chamado de "esboço preliminar da Declaração Internacional dos Direitos Humanos", aprovado em 1948.

- Criação da ONU em 1945.
- Motivado pelos efeitos do holocausto, o documento é a base da luta universal contra a opressão e a discriminação.

- O primeiro comitê, formado por membros de oito países, em 1947, foi presidido por Eleanor Roosevelt, viúva do presidente americano Franklin D. Roosevelt.
- Defende a igualdade e a dignidade das pessoas e reconhece que os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser aplicados a cada cidadão do planeta.

- Inspirada Declaração de Direitos Inglesa (1689), e principalmente, na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (Rev. Francesa- 1789).
- Os Direitos podem ser civis ou políticos, como o direito à vida, à igualdade perante a lei e à liberdade de expressão. Podem também ser eco-

nômicos, sociais e culturais, como o direito ao trabalho, à educação e ao desenvolvimento.

**Visam minimizar a opressão sobre as minorias sociais: "Que o mais fraco não seja sumariamente oprimido pelo mais forte".**

## 1967

### A TROPICÁLIA E OS MOVIMENTOS DE CONTRACULTURA (50 ANOS).

Os movimentos estavam **contra**:

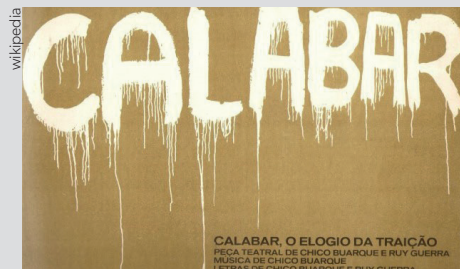
- o controle do fluxo público da informação;
- a supressão da comunicação e da produção de opinião;
- a censura da produção e circulação de bens culturais no país com repressão política.

A Ditadura no Brasil criou órgãos de censura para reprimir o conteúdo simbólico presente na produção cultural, e manipular os mecanismos de memória e consciência nacional.

Afinal, as Artes incomodavam: estavam a favor do dissenso, da diversidade e da liberdade democrática.

#### Expressões artísticas do período:

- Chico Buarque e Ruy Guerra: **Calabar** Através da figura de Calabar (traidor nas invasões holandesas), procurava-se fazer uma crítica à conjuntura repressiva e entreguista.



- Henfil: linguagem do cartum na luta política.

- Cildo Meirelles: "Tiradentes: Totem-monumento ao preso político" - neste trabalho, queimou galinhas vivas para denunciar a tortura e o assassinato de opositores da ditadura.



**"Inserções em circuitos ideológicos: Projeto cédula"** usa o dinheiro, carimba as cédulas anonimamente com mensagens políticas e as devolve à circulação.

#### TROPICÁLIA: Movimento social de experimentalismo estético.

- Influenciou comportamento e moral misturando o moderno (industrial) e o desigual (atraso social).
- Influência do Cinema Novo (Glauber Rocha) e Teatro de Arena.
- Popular regional + erudito + pop internacional: o "ópio" também serviu como ferramenta revolucionária (mídia, guitarra elétrica).
- Uso da TV (cultura de massa - Festivais de MPB- TV Record).
- Influência da UBES - centro de formação da cultura - caráter político-social.

## 1937

### CONSTITUIÇÃO DO ESTADO NOVO (80 ANOS).

Golpe de Estado que inaugurou a ditadura de Getúlio Vargas, garantida pelas forças armadas e apoiada numa política de massas (populista).

Embora não se tratasse de um regime fascista, possuiu influências evidentes deste sistema:

- "Estado Novo" designava a ditadura fascista de Salazar em Portugal (1932).

- Traços do fascismo europeu: personalismo, nacionalismo e corporativismo tutelado pelo Estado.
- Crença na capacidade técnica, no trabalhismo e supressão da diversidade (DIP).
- Uso da polícia política (Desp), com intercâmbio com a Gestapo de Hitler (censura, tortura, perseguição).

- Personalismo, líder = nação.
- Institucionalizou o carnaval (festa popular).
- Difundiu o rádio (hora do Brasil).
- Ministério da Cultura e Educação, que inseriu práticas modernistas e vanguardistas (Portinari, Drummond, Gilberto Freire, Oscar Niemeyer).

- Aproximou intelectuais e artistas do governo.
- Esforço pela nacionalidade, originalidade cultural, autenticidade da cultura popular.
- Valorização da capoeira, samba feijoada.
- Oficialização do candomblé.
- Carmem Miranda (versão internacional).

#### "Nosso pequenino fascismo tupinambá"

Graciliano Ramos, Memórias do cárcere.



## 1967

### 6ª CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (50 ANOS).

Legalizou o Golpe Militar de 1964 e institucionalizou a Ditadura.

- Aumentou o controle do Poder executivo sobre os demais poderes.
- Abrigo todos os Atos Institucionais (AIs).
- Eleições indiretas para presidente (mandato de 5 anos).
- Extinguiu partidos políticos.

- Restrições aos direitos trabalhistas (proíbe greves).
- Abriu espaço para a censura e repressão.
- Estabelece a Lei de Segurança Nacional.
- Utilizou o Dops.
- A mais repressiva de todas as constituições.
- Vigora até 1988, quando foi instituída a Constituição Federal atual.





# Centenário da REVOLUÇÃO RUSSA

## Os impactos do processo revolucionário russo no Brasil.

Por Luciana Cristina de Oliveira (Mestre em História pela UFU)

Professora do COPE - ENSINO MÉDIO



O ano de 1917 é repleto de agitações, em plena guerra mundial o mundo assistiu a Rússia vivenciar duas revoluções. Na primeira fase, a do início do ano, a pretensão era a de substituir o governo autocrático de Nicolau II por um regime mais liberal, comandado pelo Príncipe Georgy Livov e pelo Ministro da Defesa Aleksander Kerensky. O objetivo foi alcançado, porém Kerensky ficou pouco tempo no poder, sendo afastado na segunda fase da Revolução por Lenin e seus seguidores bolcheviques.

Muita coisa iria mudar naquele ano, acho que ninguém estava preparado para imaginar as dimensões de tal metamorfose. A Rússia se transformava no primeiro país socialista da história, e as reformas sociais, econômicas e políticas assustaram e inspiraram muita gente.

Para o professor de Relações Internacionais Diego Pautasso, da Universidade do Vale dos Sinos e do Colégio Militar de Porto Alegre, RS, o movimento de 1917 acentuou as inúmeras contradições que havia na Rússia. Especialista em História Russa, Diego Pautasso explica o que representou para a Rússia a primeira fase da Revolução Comunista:

*“Esse primeiro movimento refletiu o acúmulo de contradições na Rússia. Do ponto de vista estrutural, o rápido desenvolvimento do capitalismo nas cidades tencionava acabar com as estruturas agrárias (feudais) e políticas (zaristas) arcaicas. Do ponto de vista conjuntural, a Primeira Guerra aprofundou os conflitos em função do desabastecimento, de reveses militares e divergências políticas. Trata-se de um período de transição em que o velho já morreu, mas o novo ainda não tem forças para se estabelecer. A revolução bolchevique imediatamente, representou a superação das estruturas feudais com a reforma agrária, a saída da guerra mundial, a estatização das fábricas, a autodeterminação dos povos não russos do antigo Império, entre outras medidas. Mas a questão central foi o conjunto de ações que norteou a primeira experiência socialista da humanidade e converteu a URSS numa superpotência – não obstante as contradições que levaram ao seu colapso entre 1989 e 1991.”*

A experiência socialista vivida pelos russos repercutiu em todo o mundo, influenciando uma série de lutas operárias reivindicatórias e revolucionárias, na formação da noção de cidadania: saúde, educação, moradia, segurança não são um favor do Estado, e sim o seu dever, bem como, impactou na formação dos partidos comunistas e na estruturação da guerra fria.

No Brasil do primeiro quartel do século XX, a influência da Revolução Russa não tardaria a chegar, pois o país vivenciava um substancial incremento industrial provocado, sobretudo, pela onda de expansão capitalista dos fins do século XIX e pela necessidade de se substituir importações em virtude da inversão dos fluxos de mercadorias, consequências da Primeira Guerra Mundial. Nesse período, assistiu-se um vigoroso aumento da produção industrial que trouxe consigo o crescimento da massa de trabalhadores urbanos. Mas, o desenvolvimento industrial não produziu a distribuição da riqueza nem melhorias na vida do proletariado industrial, formado por migrantes que partiam do campo para as cidades, ou de imigrantes, que na sua maioria eram italianos e espanhóis. Pelo contrário, as condições de existência nos centros urbanos eram extremamente degradadas para a classe operária, com os trabalhadores cumprindo uma carga horária excessiva, em indústrias insalubres e doentias.

Em 1914, o Cotonifício Crespi, uma indústria de tear e tecelagem lucrou 196 contos de réis. No ano seguinte, o lucro foi de 350 contos de réis. E foi aumentando. Enquanto isso, aumentavam as horas de trabalho.

Com o aumento da produção, as fábricas brasileiras, que tinham poucas máquinas, vindas do exterior, tiveram que usá-las por mais tempo. Isso significava que os operários passaram a trabalhar até 16 horas por dia, sem aumento de salário.

Em 9 de julho, uma carga de cavalaria foi lançada contra os operários que protestavam na porta da fábrica Mariângela, no Brás, o que resultou na morte do jovem anarquista espanhol José Martinez. Seu funeral atraiu uma multidão que atravessou a cidade, acompanhando o corpo até o cemitério do Araçá onde foi sepultado. Indignados e já preparados para a greve, os operários da indústria têxtil Cotonifício Crespi, com sede na Mooca, entraram em greve, e logo foram seguidos por outras fábricas e bairros operários. Três dias depois, mais de 70 mil trabalhadores já aderiram à greve. Armazéns foram saqueados, bondes e outros veículos incendiados e barricadas erguidas em meio às ruas.

As ligas e corporações operárias em greve, juntamente com o Comitê de Defesa Proletária, decidiram na noite de 11 de Julho, 11 tópicos os quais apresentavam suas reivindicações.

- Que sejam postas em liberdade todas as pessoas detidas por motivo de greve;
- Que seja respeitado do modo mais absoluto o direito de associação para os trabalhadores;
- Que nenhum operário seja dispensado por haver participado ativa e ostensivamente no movimento grevista;
- Que seja abolida de fato a exploração do trabalho de menores de 14 anos nas fábricas, oficinas etc.;
- Que os trabalhadores com menos de 18 anos não sejam ocupados em trabalhos noturnos;
- Que seja abolida o trabalho noturno das mulheres;
- Aumento de 35% nos salários inferiores a \$5000 e de 25% para os mais elevados;
- Que o pagamento dos salários seja efetuado pontualmente, a cada 15 dias, e, o mais tardar, 5 dias após o vencimento;
- Que seja garantido aos operários trabalho permanente;
- Jornada de oito horas e semana inglesa;
- Aumento de 50% em todo o trabalho extraordinário.

**Para defender a greve, foi organizado o Comitê de Defesa Proletária, que teve Edgard Leuenroth como um dos principais líderes.**

É verdade que as greves, que tiveram lugar no Brasil entre 1917-19, inauguraram uma nova era do trabalho no Brasil. É também importante salientar que muitas das reivindicações foram conquistadas contra todas as dificuldades e resistências dos patrões, e a classe operária brasileira pôde consolidar suas lideranças nascidas das correntes do chamado sindicalismo revolucionário (anarcossindicalismo) ou reformista. Apesar disso, o movimento operário brasileiro ainda não tinha forjado seus partidos de alcance nacional, sendo quase todos eles organizações locais e de vida efêmera. Muito em função dessa fragilidade organizativa, os trabalhadores não conseguiram produzir conquistas duradouras. Foi somente em 1922, sob a influência da Revolução Russa e do surgimento da Internacional Comunista, em 1919, que uma minoritária parcela do movimento operário brasileiro se dedicou à construção de um partido político sólido, nacional e centralizado: nascia, então, o PCB (Partido Comunista do Brasil). O discurso ideológico do PCB atraiu vários representantes da intelectualidade, tais como Graciliano Ramos, Jorge Amado e o renomado arquiteto Oscar Niemeyer.



# Temáticas **FILOSÓFICAS**

Quase metade das questões de filosofia que apareceram nas provas anteriores podem ser classificadas como temáticas.

Por Cássio Rodrigues da Silveira (Doutor em História Social pela UFU)

Professor do COPE - ENSINO MÉDIO

Nunca é demais lembrar que a prova do Enem, tal como é proposta, tem como objetivo avaliar certas Competências e Habilidades daqueles que participam de tal processo, por meio de matrizes de conteúdo previamente estabelecidas. O que isso quer dizer de forma mais específica? Que o elaborador de um item (termo pelo qual se denomina aquilo que costumamos chamar de questão) do referido processo, na verdade, quer aferir a capacidade do candidato de realizar uma tarefa específica, que pode envolver a simples identificação de um componente ou informação, a comparação entre elementos

com o intuito de determinar semelhanças ou diferenças, a relação entre diferentes aspectos. É a partir dessa percepção da prova que precisamos compreender a **utilização dos conteúdos filosóficos** com o intuito de avaliar certas habilidades.

Em primeiro lugar, a filosofia surgiu na Grécia, no século VI a.C., com Tales de Mileto, atravessou toda a história ocidental, e continua sendo desenvolvida, nos dias de hoje, de forma consistente por figuras como Axel Honneth, membro da terceira geração da Escola de Frankfurt, ou Peter Singer, importante filósofo utilitarista preocupado com

**questões ligadas à bioética.**

Temos, desse modo, 26 séculos de reflexão filosófica ininterrupta que podem ser utilizados na elaboração de um item. Além disso, as preocupações da filosofia, ao longo desse tempo, se desdobram em diversas temáticas, que incluem a **Teoria do Conhecimento, a Lógica, a Política, a Ética ou a Estética**. O candidato, se quiser estar bem preparado para um concurso que lhe dá acesso a tantas oportunidades e com tantas especificidades, precisa estar atento para algumas informações relevantes. Vamos a elas!



Quase metade das questões de filosofia que apareceram nas provas anteriores podem ser classificadas como temáticas. O que significa isso? **Sem tratar de um filósofo ou de um período específico**, por meio de um texto, uma charge ou outro objeto de motivação, a questão **visava avaliar a capacidade do candidato de se articular com uma temática específica**, fosse ela a da ética ou da política, por exemplo. Lembre-se de que um item do Enem não irá te pedir a alternativa correta, mas exigirá que você escolha o "discursor", que consiste na alternativa mais adequada ao contexto que foi construído pelo elaborador, afastando-se dos distratores, alternativas que destoam do contexto, por mais que o indivíduo que esteja realizando a prova possa considerá-la correta.

Das temáticas que apareceram nas últimas provas, é possível notar uma **preponderância clara da questão da ciência e do método científico**, exigindo do candidato que ele conheça minimamente as condições de seu desenvolvimento a partir das modificações de concepção típicas da modernidade. Entender a importância da linguagem matemática, evidenciada por autores como Galileu Galilei e René Descartes, e da pesquisa empírica, a partir de filósofos de tradição anglo-saxã como Francis Bacon, Thomas Hobbes, John Locke e David Hume, é fundamental para o enfrentamento de questões dessa natureza.

Apesar de ser uma prova idealizada pelo MEC e da preocupação, explícita no caso das orientações para a Redação, com relação ao respeito aos direitos humanos, não tem sido comum nos processos anteriores a presença de questões sobre ética. Nossa orientação, no entanto, é de que o estudante vá para a prova com as principais doutrinas éticas bem trabalhadas, pois, além da possibilidade de cobrança em um item na prova de ciências humanas, pode aparecer algum tema de redação no qual alguma corrente ética pode ser utilizada como elemento transdisciplinar para ancorar a argumentação do candidato.

Quando analisamos a distribuição cronológica dos itens de filosofia, há um

predomínio nítido da Filosofia Moderna sobre os demais períodos. Cerca de 60% das itens que podemos entender como organizadas com critério na cronologia envolvem filósofos modernos, contra 35% de itens que envolvem a Antiguidade, e apenas 6% de itens relacionados aos períodos da Idade Média e da Contemporaneidade. Lembrando que o período medieval é marcado pela hegemonia do cristianismo e que os filósofos eram majoritariamente padres, a compreensão da relação entre a fé e a razão, com predomínio da primeira sobre a segunda, e de que Deus é, no fundo, a causa e a fonte de entendimento de tudo, pode possibilitar ao candidato realizar uma boa avaliação sobre um item de **filosofia medieval**, se é que ele vai aparecer, na prova que se aproxima. Quanto aos contemporâneos, é possível destacar os **temas da dialética, com Hegel e Marx**, da relação entre existência e essência no existencialismo, das relações entre poder e ciência em Michel Foucault.

Não é difícil, no entanto, que o leitor tenha percebido que nesses últimos dias que antecedem a prova, se ele ainda quiser dar uma última olhada e aparar alguma aresta em conteúdos filosóficos, deve aproveitar o tempo para revisar os filósofos modernos, em uma ordem sensata. Em função do percentual de aparições, primeiro dê uma olhada nos autores vinculados à **Teoria do Conhecimento**, tomando pelo menos um representante das principais correntes filosóficas. Minhas indicações, nesse sentido, são: **René Descartes**, método, dúvida e racionalismo moderno; **David Hume**, empirismo e crítica aos limites do método indutivo; **Immanuel Kant** e o Idealismo Transcendental: a experiência como um composto entre aquilo que a mente fornece de si mesma (espaço e tempo, por exemplo) e aquilo que o sujeito de conhecimento recebe a partir dos dados dos sentidos. Assimilando esses três autores, o leitor estará preparado para enfrentar algum item que apresente algum outro representante da mesma corrente sem grandes dificuldades.

Após esse trabalho, ainda na modernidade, uma revisão de **Filosofia Política** seria algo bastante sensato a se fazer. Nesse sentido, vale a pena começar por **Nicolau Maquiavel** e seu realismo político, método inovador frente às visões utópicas presentes na filosofia até então. Os teóricos contratualistas **Thomas Hobbes** (absolutista), **John Locke** (liberal) e **Jean-Jacques Rousseau** (democrata), também são uma boa pedida para essa revisão. Não se esqueça que eles elaboram uma visão que denominamos de jus naturalismo, que consiste na hipótese da existência de direitos humanos fundamentais anteriores à adesão ao corpo político, que é uma das bases para o início da discussão sobre os direitos humanos. **Montesquieu**, com a defesa da divisão do poder e com sua definição de liberdade como "o direito de fazer tudo aquilo que as leis permitem", não pode ficar de fora do seu fechamento.



Terminada essa revisão da moderna vale a pena voltar pra **Filosofia Antiga**. Como o tempo é curto, é bom se concentrar nos dois grandes nomes do período: **Platão**, a divisão da realidade em dois mundos (sensível e inteligível), o conhecimento por meio da Reminiscência; **Aristóteles** e a crítica à Teoria das Ideias, o conhecimento a partir da experiência, por meio da Abstração. Lembre-se de que os dois estão tentando lidar com os problemas deixados pelos pré-socrá-

ticos, Heráclito e Parmênides, e as relações entre a mudança, a imobilidade e o conhecimento. Tentam conciliar, desse modo, o movimento do primeiro (mundo sensível de Platão ou potência de Aristóteles) com o Ser do segundo (Ideia de Platão ou essência de Aristóteles).

**Um período que tem sido bastante valorizado nas últimas provas é o helenístico**, marcado pelo contato do grego com culturas diversas e pela tentativa de responder à questão sobre **"como se deve viver"**. Tivemos, nesse período, quatro respostas mais significativas. Para os **céticos**, o homem atinge a tranquilidade por meio de uma postura de desapego com relação ao desejo de conhecer. Para os **cinicos**, a paz decorre também do desapego, mas praticado com relação aos bens materiais e às posições sociais, lembre-se de Diógenes e do seu barril. Para **Epicuro**, atomista, o prazer da alma tranquila decorre do fato de o homem se relacionar de forma adequada com os demais prazeres, evitando aqueles que possam trazer sofrimentos posteriores. Para os **estoicos**, uma compreensão de que os eventos do mundo seguem relações necessárias, comandadas por um Logos absoluto, deveria conduzir o indivíduo a distinguir aquilo que ele pode modificar e aquilo que definitivamente não pode ser alterado pelas suas ações, fazendo com que o sujeito pare de sofrer, sobretudo, com os eventos que ele não pode modificar, e entendendo o sofrimento como parte natural da vida.

Entendendo um pouco melhor os objetivos buscados por cada item do Enem e a composição que tem sido apresentada nas últimas provas, acredito que o leitor que participará desse concurso tem enormes chances de, primeiramente, fechar a sua preparação com um pouco mais de tranquilidade, sabendo que não precisa dar a todos os componentes do conteúdo de filosofia o mesmo peso nessa reta final e, por último, e o mais importante, interagir com a prova de maneira mais consciente e eficiente. Eu, professor Cássio Rodrigues, de filosofia, juntamente com toda a equipe com Colégio Prepara Enem, desejo a você um ótimo fechamento de preparação e uma excelente prova, com o merecido sucesso. Grande abraço!



# Em busca da IDENTIDADE NACIONAL

“É possível viajar e desvendar os mistérios do Brasil, através da sociologia, da literatura, da música e do cinema.”

Por Moisés Arantes (Sociólogo pela UFU)  
Professor do COPE - ENSINO MÉDIO

Antes de falarmos da questão cultural no Brasil contemporâneo, conteúdo sempre presente no ENEM, iniciaremos fazendo uma breve abordagem pela análise dos movimentos literários clássicos do século XIX, o que nos permitirá descobrir um novo Brasil. A prática da leitura e, principalmente, da boa leitura, auxilia, e muito, o entendimento da sociologia, em especial do tema abordado – Identidade Cultural.

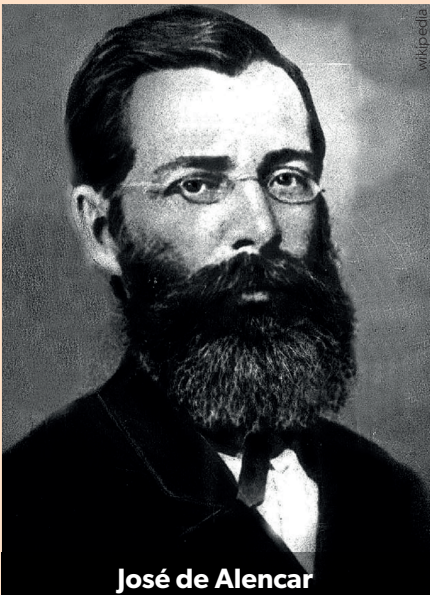
**A partir de agora, você entrará no mundo da literatura, do cinema e da música, com a intenção de compreender melhor a questão cultural e a formação da nacionalidade no Brasil. Com tristeza digo: abordaremos apenas alguns autores, e de forma rápida.**

Nossa viagem do descobrimento começa com o **romantismo**. Usando uma linguagem do dia a dia, essa escola teve um papel crucial na formação da identidade brasileira, pois, ao tentar compreender o que era ser brasileiro, contribuiu bastante para formação de um sentimento patriótico.

Os autores brasileiros da geração romântica buscaram sua fonte de inspiração na natureza e nas questões sociais e políticas do país. As obras brasileiras, deste período, valorizavam o amor sofrido, a religiosidade cristã, a importância de nossa natureza, a formação histórica do nosso país e o cotidiano popular.

**Castro Alves** (1847-1871), conhecido como o “Poeta dos Escravos”, manifestou toda sua sensibilidade escrevendo versos de protesto contra a situação de exploração a que os negros eram submetidos.

**José de Alencar** (1829-1877) escreveu romances como *Iracema*, em que índios eram protagonistas, procurando valorizar e definir como uma marca de nacionalidade aquilo que antes era considerado um defeito: o fato de o Brasil ser um país habitado por índios, de ter uma cultura indígena.

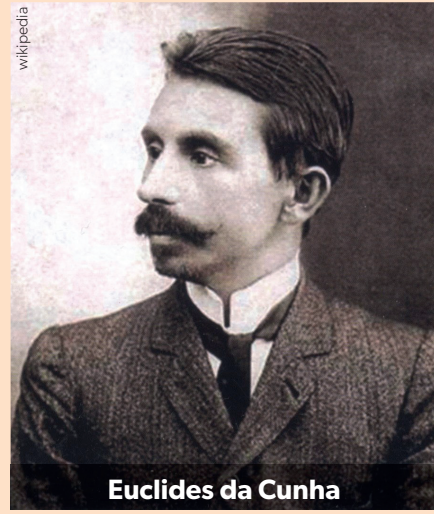


José de Alencar

Na próxima etapa dessa viagem, Pré-modernismo, estuda-se Euclides da Cunha, como um dos primeiros escritores brasileiros a diagnosticar o subdesenvolvimento do Brasil, referindo-se à existência de dois países contraditórios:

o do litoral e o do sertão. Em destaque, Euclides da Cunha mostrou a miséria e o isolamento a que estava condenada a população do sertão. Canudos resultou do confronto entre esses dois Brasis, distintos entre si no espaço e no tempo, pelo atraso de séculos em que vivia mergulhada a sociedade rural.

**Euclides da Cunha** (1866-1909), jornalista e engenheiro militar, indo ao interior da Bahia como enviado de guerra (repórter) para cobrir a Guerra de Canudos, ficou impressionado com o que viu – uma população pobre, fanatizada e completamente diferente da população do sul do país, mas preparada para enfrentar a miséria e as dificuldades do sertão, com uma forma própria de encarar o mundo e a vida – produziria um clássico da literatura mundial “Os Sertões”. Uma obra contundente que destruía o sonho brasileiro da república e da civilização branca europeizada.



Euclides da Cunha

Em 1902, Euclides da Cunha terminou seu livro, contando a verdadeira história sobre o extermínio de Canudos: uma luta desigual e vergonhosa, em que o exército brasileiro se cobriu de infâmia. O inimigo invencível, afinal de contas, não passava de gente sofrida das secas. Mulheres, velhos e crianças que resistiram até o fim numa luta inglória. Negros e índios que buscavam criar um espaço em que pudessem ser admitidos como integrantes da nação.

A partir de Canudos, Euclides da Cunha passará a defender a necessidade de se conhecer e compreender esse homem brasileiro desconhecido e perdido no interior.

**Outro autor, o qual compartilha do positivismo e dos determinismos (biológico e geográfico), é Raimundo Nina Rodrigues** (1862-1906). Médico, professor da Faculdade de Medicina da Bahia, como outros doutores de sua geração, era também etnólogo. Com esse autor, o racismo e o preconceito brasileiro tomam um rumo “científico”.

Quando, em 5 de outubro de 1897, as tropas federais entraram em Canudos para o ataque final, Antônio Conselheiro já não estava à frente de seus fiéis. Havia morrido em 22 de setembro. A causa da morte não foi bem esclarecida,

mas bem pode ter sido aquilo que, na região, era conhecido como ‘caminheira’, diarreia. Uma prosaica e deprimente condição que vitimava, e ainda vitima, milhões de brasileiros (crianças, sobretudo) e que está ligada à má higiene dos alimentos e à deficiente qualidade da água. Morte inglória, portanto. Mas, de qualquer modo, o cadáver foi desenterrado e decapitado. A cabeça não foi, como a de Tiradentes, exibida em público para escarmento da população sertaneja. Não, esses tempos já haviam passado. Em vez disso, a cabeça foi enviada a um cientista para ser estudada: era preciso descobrir o que havia ali, que poder misterioso capaz de mobilizar multidões residira naquele cérebro. O responsável por essa análise seria o médico Nina Rodrigues.

O trabalho de Nina Rodrigues foi altamente influenciado pelas ideias de Joseph Arthur, conde de Gobineau, que veio para o Rio de Janeiro como chefe da missão francesa entre abril de 1869 e maio de 1870.

Gobineau interessou-se pela mestiçagem no Brasil. É considerado, hoje, um dos precursores do racismo nazista. Previa que a mistura de raças levaria à pura e simples extinção da população brasileira. Suas ideias coincidiam com o pensamento político brasileiro da época, voltado para o branqueamento e europeização do país, e foram seguidas, em maior ou menor grau, por instituições voltadas ao estudo antropológico: a Faculdade de Medicina da Bahia, o Museu Nacional e a Escola Militar, no Rio de Janeiro.

As teorias raciais, surgidas no Brasil nas últimas décadas do século XIX, não eram necessariamente agressivas aos grupos que formavam a nacionalidade. Nina Rodrigues não desprezava as manifestações culturais dos negros, pelo contrário, buscava compreender a vida e os costumes da população africana que viera para cá como escrava. Entretanto, para ele, a miscigenação resultaria, inevitavelmente, em desequilíbrio mental.

Ressalta-se, ainda, na construção do racismo científico, o médico italiano e criminologista Cesare Lombroso, que acreditava na ideia de “criminoso nato”, cujas características manifestar-se-iam, inclusive, no tipo da face e na conformação do crânio. Medir e estudar crânios era uma obsessão da época, o que explica a solicitação de Nina Rodrigues pelo crânio de Antônio Conselheiro.

Analisando o crânio de Antônio Conselheiro, Nina Rodrigues observou que, em se tratando de um “mestiço”, o morto era “muito suspeito de ser degenerado”. Também notou que o morto quase não tinha dentes. O que, provavelmente, foi, em seu laudo, a única observação apoiada na realidade.

Outro movimento preocupado em mostrar o Brasil aos brasileiros foi o **Modernismo**, coletando elementos do cotidiano da população, expressões, expectativas, costumes e crenças. Dessa seleção nasce *Macunaíma*, a obra mais famosa de **Mário de Andrade**. As questões regionais também foram bastante focadas, em especial, pelos autores Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz.

Na tentativa de compreender a arte e a cultura popular no país, surgem, nos anos 50 e 60, movimentos culturais como o projeto **CPC** (Centro Popular de Cultura) da UNE (União Nacional dos Estudantes). O objetivo era estabelecer uma ponte entre os intelectuais engajados num projeto de transformação social e os anseios das minorias presentes na sociedade civil.

O grave problema desse movimento era o fato de os intelectuais acreditarem que a arte feita pelo próprio povo era rudimentar, com nível de elaboração artística primário. Segundo o CPC, para transformar a sociedade, era preciso reconstituir a arte do povo, eliminando seu caráter rudimentar. Assim, a práxis revolucionária cumpriria o seu papel na transformação social.

Já o **Teatro de Arena e Oficina** consegue recuperar e reinterpretar eventos e personagens históricos do Brasil. Outro marco foi o **cinema novo (Glauber Rocha, Carlos Diegues e Nelson Pereira dos Santos)**, cuja temática essencialmente social contribuiu para a construção de um retrato brasileiro que enfoca a pobreza do povo, a crueldade das autoridades e a falta de perspectivas. Como diz o diretor de cinema Carlos Diegues, o cinema novo tinha três objetivos: 1) mudar o cinema brasileiro, 2) mudar o Brasil e 3) mudar o mundo.

Assim, finalizamos a nossa viagem com o **Tropicalismo** dos anos 60, liderado por Julio Medaglia, Caetano Veloso e Gilberto Gil. Esse movimento, na música popular brasileira, continuou discutindo temas importantes como: o que é nacional? O que é estrangeiro? O que é popular? O que é erudito?

Com tais exemplos, notamos que houve, entre os intelectuais e artistas brasileiros, independentemente de sua concepção político-ideológica, a preocupação com a questão da nacionalidade e com a definição de uma cultura brasileira e popular.

Ao detectar e estudar a cultura negra, por exemplo, o que os autores faziam era tentar compreender o Brasil e achar um “lugar” para essa cultura dentro da cultura brasileira. O mesmo se fazia, por exemplo, em relação aos índios e às populações camponesas do interior. Por essa razão, acreditamos ser possível viajar e desvendar os mistérios do Brasil, através da sociologia, da literatura, da música e do cinema.



# COPE

## ENSINO MÉDIO

**Ana Vitória Rocha**  
3º ANO - COPE

### MEDICINA

- UFU
- UFSM
- ESCS
- FURG
- PUC/GO
- ...

"Se eu vi mais longe,  
**FOI POR ESTAR SOBRE OMBROS DE GIGANTES."**

Isaac Newton

AGENDE SUA ENTREVISTA

 grupopreparaenem  preparaenem\_cope  preparaenem  62 3877 3223